

## DE SÃO TOMÁS A SANTO AGOSTINHO: MUDANÇA DA COMUNICAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA EM BENTO XVI<sup>1</sup>.

*Bernardo Veiga de Oliveira Alves<sup>2</sup> – Instituto Aquinate.*

*Resumo:* O presente artigo investiga a nova forma de comunicação da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), a partir do pensamento do papa Bento XVI. O que não implica em uma mudança na teologia ou na doutrina, mas uma alteração do posicionamento. Tal manifestação ocorre pela passagem de uma “forma escolástica” para uma “modernidade agostiniana” de três formas: o contexto histórico, a biografia e o estilo próprio dos dois autores (Santo Agostinho e São Tomás). O que se apresenta como uma pequena mudança, tem como efeito uma comunicação própria da contemporaneidade, o que seria uma pequena parte do *aggiornamento* sem alterar uma vírgula da doutrina da ICAR.

*Palavras-chave:* ICAR, Bento XVI, Agostianismo, Tomismo.

*Abstract:* The present article investigates the new communication method used by the Roman Catholic Church, parting from Benedict XVI's way of thinking. That does not necessarily imply in a change in the theology nor in the doctrine, but proposes an alteration of its positioning. Such statement is made by the transition from a "scholastic way" to an "Augustinian modernity" in three forms: the historic context, the biography and the writers' personal style (Saint Augustine and Saint Thomas). That which is presented as a small change has as an effect a communication that is in accordance with the contemporaneity, what would be a minor part of the *aggiornamento* without changing a single word in the doctrine of the Roman Catholic Church.

*Keywords:* Roman Catholic Church, Benedict XVI, Augustinianism, Thomism.

### 1. INTRODUÇÃO.

Por que estudar Bento XVI? Além dos seus numerosos títulos e denominações<sup>3</sup> o atual papa rompe com uma longa tradição, a favor de uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 6ª Conferência Internacional de Mídia, Religião e Cultura — na área de Comunicação e mídia religiosa. O artigo faz parte do projeto de pesquisa da ECO/UFRJ “Comunicação e Religiosidade Brasileira”, da ECO/UFRJ, do prof. Dr. Eduardo Refkalefsky, Professor Adjunto da ECO/UFRJ, doutor em Comunicação e Cultura com a tese “Comunicação e Posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo do marketing religioso” (2004). E-mail: ref@ufrj.br.

<sup>2</sup> Jornalista formado na ECO/UFRJ. E-mail: bvoa@hotmail.com.

<sup>3</sup> Entre eles: papa Bento XVI, Sumo Pontífice da Igreja Católica, Bispo e Patriarca de Roma, Vigário de Cristo, Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, Supremo Pontífice, Primaz

comunicação mais moderna. Mas será que houve algum rompimento com os velhos dogmas? Certamente não. Bento XVI continua a afirmar a mesma doutrina, conforme a tradição da ICAR<sup>4</sup>, mas sob uma nova forma, que foge à predominância escolástica de quase oito séculos.

O objetivo do presente artigo é investigar os pormenores desta mudança e explicá-la. Por que a fuga de uma “forma escolástica” para a “modernidade agostiniana”? E qual a relevância para o mundo contemporâneo? O que altera na comunicação da Igreja? Por acaso esse seria o *aggiornamento* tanto esperado do Concílio Vaticano II ou, antes, deve-se esperar por outro? E, por acaso, um outro seria possível?

## 2. SÃO TOMÁS E SANTO AGOSTINHO.

Historicamente a Igreja sempre aconselhou o estudo de Santo Tomás, sobretudo a partir da sua canonização em 1323, mas sempre a sua difusão foi no seguinte sentido: “propor como doutrina segura, mas não impor”<sup>5</sup>. Além disso, houve grandes difusores desta filosofia/ teologia, como, por exemplo, o papa Leão XIII, no final do século XIX.<sup>6</sup> Recentemente na encíclica *Fides et Ratio*, o papa João Paulo II, em 1998, confirmou o pensamento de Leão XIII: “São conhecidas as felizes conseqüências que teve este convite pontifício. Os estudos sobre o pensamento de santo Tomás e de outros autores escolásticos receberam novo incentivo”<sup>7</sup>.

Conforme o artigo anterior<sup>8</sup> não é possível afirmar que Bento XVI negue categoricamente as palavras de João Paulo II, mas sim que o atual papa não possui uma inclinação tão forte pela forma tomista e sim agostiniana.

---

de Itália, Arcebispo e Metropolita da Província Romana, Soberano do Estado do Vaticano e Servo dos Servos de Deus.

<sup>4</sup> VEIGA, B.; REFKALEFSKY, E. (orientador). *De Ratzinger a Bento XVI: comunicação religiosa, tradição e modernidade na Igreja Católica Apostólica Romana*. Trabalho apresentado no GT Comunicação Aplicada ou Segmentada, categoria Iniciação Científica, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste (Intercom Sudeste). Juiz de Fora (MG), maio de 2007.

<sup>5</sup> DANIEL-ROPS. *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 1993. p. 373.

<sup>6</sup> NICOLAS, Marie-Joseph. Introdução à *Suma Teológica*. vol. 1, São Paulo: Loyola. 2ª ed. 2003. p. 65.

<sup>7</sup> Paulo II, João. *Fides et Ratio*. São Paulo: Paulinas. 6ª ed. 2002. p. 81.

<sup>8</sup> Veiga, Bernardo; Refkalefsky, Eduardo (orientador). *De Ratzinger a Bento XVI: comunicação religiosa, tradição e modernidade na Igreja Católica Apostólica Romana*. Trabalho apresentado no GT Comunicação Aplicada ou Segmentada, categoria Iniciação Científica, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste (Intercom Sudeste). Juiz de Fora (MG), maio de 2007.

Desde o início da sua formação as suas primeiras relações com o tomismo foram de uma certa aversão:

“Penetrar o pensamento de Tomás de Aquino, porém, foi para mim um pouco difícil. Sua lógica cristalina me parecia por demais fechada dentro de si mesma, e impessoal e acabada demais. Isso, talvez, em consequência do filósofo de nosso curso superior, Arnold Wilmsen, nos ter apresentado um tomismo rígido, neo-escolástico. (...) Seu entusiasmo e sua profunda convicção impressionavam mas agora ele não parecia mais alguém que procurava, e sim alguém que defendia apaixonadamente, contra qualquer questionamento, o que tinha encontrado. Nós, porém, como jovens, não deixávamos de ser questionadores”.<sup>9</sup>

Ao contrário, em Santo Agostinho, o seu pensamento foi de uma linear aceitação: “Também me interessou muito, desde o início, Santo Agostinho, como contrapeso, por assim dizer, de São Tomás de Aquino”<sup>10</sup>.

“A escolástica tem a sua grandeza, mas é tudo muito impessoal. Precisa-se de algum tempo até compreender e reconhecer a sua tensão interior. Em Santo Agostinho, pelo contrário, o homem apaixonado, que sofre, que interroga, está sempre presente, e cada pessoa pode identificar-se com ele”<sup>11</sup>.

Pois,

“poucos santos se mostram tão próximos de nós como Santo Agostinho, apesar dos séculos de distância. Nas suas obras, podemos encontrar todos os cumes e profundidades do humano, todas as perguntas, pesquisas e indagações que ainda hoje nos comovem. Não sem razão *Agostinho foi chamado o primeiro homem moderno*”<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> RATZINGER, Joseph. *Lembranças da minha vida*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 51.

<sup>10</sup> *Id.*, *O Sal da Terra*, Rio de Janeiro: IMAGO. 1997, p. 50.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>12</sup> RATZINGER apud BLANCO, Pablo. *Joseph Ratzinger, uma biografia*. São Paulo: Quadrante. 2005, p. 37, *grifos nossos*)

A sua inclinação para Santo Agostinho e não São Tomás se justifica por três fatores que distinguem a figura desses teólogos: Contexto Histórico, biografia, estilo obra.

## 2.1. CONTEXTO HISTÓRICO.

Como diferenciar os séculos IV e V do século XIII? Nos primeiros encontramos um cristianismo em desenvolvimento, disseminado por toda a Europa continental, mas ainda sob as bases de uma Igreja que acabara de se tranquilizar com o “Edito de Milão”<sup>13</sup> de Constantino em 313. A religião se consolidava, mas aos poucos. O mundo também passava por grandes mudanças, sobretudo a ruína do império romano, junto com o choque de culturas das invasões bárbaras. Ao mesmo tempo em que se propagava duas das maiores heresias de Igreja, o arianismo<sup>14</sup> e o maniqueísmo<sup>15</sup>. Neste contexto viveu Santo Agostinho.

Por outro lado o século XIII conheceu o auge do pensamento escolástico, da consolidação do cristianismo e o surgimento das Universidades. O pensamento cristão já estava consolidado e todo o ensino estava sob o poder da Igreja, em grande parte da Europa, desde o fechamento das escolas pagãs no século VI pelo imperador bizantino Justiniano. Neste período viveu São Tomás de Aquino.

---

<sup>13</sup> Suspensão da perseguição aos cristãos.

<sup>14</sup> Segundo Ário – fundador do arianismo –: “Deus é incomunicável, porque, se se pudesse comunicar, teríamos de considerá-lo um ser composto, suscetível de divisões e mudanças,’ dedução que só a imprecisão dos termos tornava aceitável. Ora, continuava Ário, se ele fosse composto, mutável e divisível, seria mais ou menos corporal; mas isso não pode ser, donde se conclui que é sem dúvida, incomunicável e que fora dEle, tudo é criatura, *incluído* Cristo, o Verbo de Deus. Aqui está o ponto exato em que se situa o erro: Jesus, o Cristo, o Filho, não é Deus como o Pai; não é seu igual nem é da mesma natureza que Ele. Entre Deus e Cristo abre-se um abismo, o abismo que separa o finito do infinito.” (DANIEL-ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante. 1989, p. 448)

<sup>15</sup> “a sua doutrina constituía, portanto, um sincretismo infinitamente mais vasto e mais sutil que todos aqueles que o mundo geoco-romano tinha ensaiado. Podiam-se encontrar nela elementos cristão, na maior parte heréticos, provenientes do cristianismo judaico da sua juventude e das influências marcionitas que se faziam sentir na Mesopotâmia; uma forte dose de gnosticismo, do gnosticismo sírio cristão de Saturnino e de Cerdão, pelo qual se aproximava da filosofia grega; e, extraída do budismo, ou antes da tradição pan-indiana, a doutrina da transmigração das almas e um sentido da natureza que ornava as suas teorias com uma poesia por vezes singular. E tudo isso tinha como infra-estrutura o antigo dogma dualista iraniano, tal como Zoroastro o apresenta mil anos antes – o dogma da oposição entre o ‘deus do bem’ e o ‘deus do mal’. (DANIEL-ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante. 1989, p. 472)

Os séculos IV e V se assemelham muito com os nossos tempos, pelo menos muito mais do que o século XIII. O nosso século não vive o mundo medieval, a certeza de uma inclinação natural para Deus, nem a certeza da encarnação de Cristo, como Verbo divino. Mas, antes, menos se distancia dos séculos agostinianos, dos tempos da defesa da fé direta com o paganismo, com choques de culturas e ideologia. Nas Universidades medievais discutiam sistematicamente sobre as verdades de fé, tomando a fé como pressuposto. Nasce a “teologia especulativa” e a filosofia torna-se *ancilla theologiae* (serva da teologia). Os séculos IV e V foram tempos de uma defesa veemente pela ortodoxia, o século XIII foi o tempo do seu estudo e reflexão.<sup>16</sup>

As grandes heresias do século IV e V marcaram a consolidação de uma ortodoxia cristã. Podemos dizer que a construção da doutrina se fez, sobretudo, como negação daquilo que lhe era contraditório. No século XIII, a construção teológica se fez de forma mais absoluta, a partir do próprio legado da Igreja e da tomada dos estudos de Aristóteles. Está muito presente na época agostiniana o diálogo com as outras filosofias, justamente para um fim apologético, como a justificativa de impedir que se confunda a ortodoxia, como a própria defesa da doutrina, aceita como herdeira da de Cristo, e a heresia, contrária a ela. Contudo, em São Tomás, a crítica ao erro brota mais como uma crítica teológica aos próprios erros de uma teologia feita por outros filósofos cristãos, como por exemplo o próprio Santo Agostinho, Santo Anselmo, Santo Ambrósio, Boécio etc. (veja, em contraste, a nota 16)

Santo Agostinho é um dos últimos padres da Igreja. O principal objetivo deles era escrever as grandes apologias: “Apologias” de São Justino, “Contra os hereges” de Santo Irineu, “Cidade de Deus” do próprio Santo Agostinho que tem como subtítulo: *contra os pagãos*.

Em suma, as bases da forma da construção da patrística dos primeiros séculos até o século V foi a negação daquilo que não é a ortodoxia. Ao contrário, a construção da teologia do século XIII possui já a própria história da teologia como base. Não é tanto um rejeitar do não-cristianismo, porém um refinamento, uma outra análise daquilo que foi produzido como consequência das primeiras heresias e do combate às novas. A primeira forma é mais apologética, mais ativa, porque era meio direto para a propagação para os não-cristãos; a segunda é mais contemplativa, pois era meio para a constância da fé, que já existia e já fora conservada historicamente (embora seja também ativa, por se defender de algumas heresias da época, mas com menos intensidade que no século IV e V).

---

<sup>16</sup> Apesar também do choque com as culturas islâmica e judia no século XIII, sobretudo averoísmo e a produção da *Suma contra os gentios*, podemos dizer que este século já possuía a experiência e o conhecimento históricos dos séculos IV e V.

## 2.2. BIOGRAFIA.

Agostinho e Tomás são duas personalidades totalmente diferentes, suas histórias, muitas vezes, refletem o próprio desenlace dos respectivos momentos históricos. Agostinho não era cristão desde o berço, pelo contrário, agia, segundo ele mesmo descreve, contra a vontade de Deus:

“Quantas vezes, na adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em prazeres infernais, ousando até entregar-me a vários e tenebrosos amores! A minha beleza definiu-se e apodreci a Vossos [divinos] olhos, por buscar a complacência própria e desejar ser agradável aos olhos dos homens”<sup>17</sup>.

Tomás, por outro lado

“Desde criança mostrara misteriosa relutância em vir a ser uma aguieta rapace, ou até em interessar-se pela arte da altanaria, pelos torneios ou por quaisquer empresas de cavalaria. Era rapaz alto, pesado e sossegado, extraordinariamente calado, abrindo raras vezes a boca, ou mais precisamente só para perguntar, de súbito e de modo inesperado, ao mestre: – Que é Deus?”<sup>18</sup>

A juventude de ambos é muito distinta. O primeiro não vivera em uma época propriamente cristã, mas ainda sob influências de um paganismo decadente, e, talvez até por isso, não fora cristão até os trinta anos. O segundo já nascera em um berço cristão e possuía muitos familiares do clero.

A vida de Agostinho é marcada pela sua conversão e é esta mudança que atrai o papa para reafirmá-lo como o *primeiro homem moderno*. É esta modernidade que o atrai para estudá-lo, que revela o próprio conflito humano:

“Já Agostinho fala continuamente de si mesmo. E sua obra-prima são exatamente as *Confissões*, nas quais não só fala amplamente dos seus pais, de sua terra, das pessoas que lhe eram caras, mas também põe a nu o seu espírito em todos os seus mais recônditos cantos e em todas as tensões íntimas de sua “vontade”. E mais: *é precisamente nas tensões íntimas e lacerações de sua vontade, posta em confronto com a vontade de Deus, que Agostinho descobre o eu, a personalidade humana, em um sentido inálito*: “Quando eu

<sup>17</sup> AGOSTINHO, S. *Confissões*. Petrópolis: Vozes. 18ªed., 2002. p. 45.

<sup>18</sup> CHESTERTON, G. K. *Santo Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: Co-Redentora, 2002. p. 58.



estava decidindo servir inteiramente ao Senhor meu Deus, como havia estabelecido há muito, era eu que queria e eu que não queria: era exatamente e que nem queria plenamente, nem o rejeitava plenamente. Por isso, lutava comigo mesmo e dilacerava-me a mim mesmo.”<sup>19</sup>

Contudo em São Tomás não encontramos uma autobiografia, nem nenhuma manifestação que seja mais pessoal.

Além disso, segundo Bento XVI, na identidade com Cristo, Santo Agostinho é o porvir máximo que o homem dos nos tempos deve chegar. E, por isso encontraria neste santo a realização de um homem sem fé que progrediu espiritualmente conforme a moral cristã. Assim, poderíamos estabelecer uma inclinação por comparação entre os dilemas de Agostinho pós-conversão e os do papa. Ratzinger, quando era prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, pedira muitas vezes ao papa João Paulo II para sair<sup>20</sup>, o que foi negado. E também titubeou quando foi nomeado bispo, porque desejava se dedicar mais à pesquisa universitária<sup>21</sup>. Ele foi conduzido por um caminho diferente do que planejava, passou do seu desejo particular para a vida pastoral como bispo semelhante ao que ocorreu com Agostinho, como nos conta Bento XVI:

“[Agostinho] pretendia realizar com valores cristãos o ideal da vida contemplativa expressa pela grande filosofia grega, escolhendo deste modo “a melhor parte” (cf. Lc 10,42). Mas as coisas foram de outro modo. Ele participava na missa dominical, na cidade portuária de Hipona, quando foi chamado pelo bispo do meio da multidão e instado a deixar-se ordenar para exercer o ministério sacerdotal naquela cidade. Olhando retrospectivamente para aquela hora, escreve nas suas *Confissões*: “Aterrorizado com os meus pecados e com o peso da minha miséria, tinha resolvido e meditado, em meu coração, o projeto de fugir para o ermo. Mas vós mo impedistes e me fortalecesteis dizendo: ‘Cristo morreu por todos, para que os viventes não

<sup>19</sup> REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia - Volume 1*. São Paulo: Paulus. 9ª ed., 2005. pp. 437 e 438.

<sup>20</sup> BLANCO, Pablo. *Joseph Ratzinger, uma biografia*. São Paulo: Quadrante, 2005. p. 141.

<sup>21</sup> VEIGA, B.; REFKALEFSKY, E. (orientador). *De Ratzinger a Bento XVI: comunicação religiosa, tradição e modernidade na Igreja Católica Apostólica Romana*. Trabalho apresentado no GT Comunicação Aplicada ou Segmentada, categoria Iniciação Científica, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste (Intercom Sudeste). Juiz de Fora (MG), maio de 2007.

vivam para si, mas para aquele que morreu por todos' (cf. 2Cor 5,15)". Cristo morreu por todos. Viver para ele significa deixar-se envolver no seu "ser para".<sup>22</sup>

Há, portanto, uma forte identificação em Agostinho, tanto para o que deve ser o homem contemporâneo, pelo seu passado não-cristão, tanto pela semelhança pessoal com a história do papa.

Por outro lado, São Tomás, com o berço totalmente cristão, é somente um personagem histórico. A vida deste monge é uma vida do seu tempo, impregnada pelo espírito medieval, que dificulta, em última instância, a comunicação com o homem do nosso tempo.

### 2.3 ESTILO DA OBRA.

Da mesma forma como não é possível separar perfeitamente a vida pessoal do seu momento histórico, não é possível separar a biografia do estilo do autor. Santo Agostinho, em toda a sua obra, coloca um toque pessoal e apaixonado. Isto se dá também pela sua profissão que, antes de se converter, era a de professor de retórica. Ele é o autor que se posiciona nos textos, quase como um personagem, como neste célebre exemplo que mostra a sua procura por Deus:

“Quem é Deus?

Perguntei-o à terra e disse-me: “Eu não sou”. E tudo o que nela existe respondeu-me o mesmo. Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: “Não somos o teu Deus; busca-o acima de nós”. Perguntei aos ventos que sopram; e o ar, com os seus habitantes, respondeu-me: “Anaxímenes está enganado; eu não sou o teu Deus”. Interroguei o céu, o sol, a lua, as estrelas e disseram-me: “Nós também não somos o Deus que procuras”. Disse a todos os seres que me rodeiam as portas da carne: Já que não sois meu Deus, falai-me de meu Deus, dizei-me ao menos alguma coisa d’Ele”. E exclamaram com alarido: “Foi Ele quem nos criou”.<sup>23</sup>

Por outro lado São Tomás se posiciona de forma mais sistemática e menos pessoal, como por exemplo, em questão semelhante, sobre a existência de Deus. Ele coloca uma posição e a defende com alguns argumentos, depois

<sup>22</sup> RATZINGER, Joseph. *Spe Salvi*. São Paulo: Paulinas. 2007. p. 45.

<sup>23</sup> AGOSTINHO, S. *Confissões*. Petrópolis: Vozes. 18ªed., 2002. p. 222.



coloca os argumentos contrários à posição inicial, responde se inclinando para os argumentos contrários à posição inicial e depois explica os erros dos primeiros argumentos e, se houver, dos seus contrários:

“Parece que Deus não existe.

1. Porque de dois contrários, se um é infinito o outro deixa de existir totalmente. (...) Logo, Deus não existe.

2. Ademais, o que pode ser realizado por poucos princípios, não se realiza por muitos. Ora, parece que tudo que é observado no mundo pode ser realizado por meio de outros princípios, pressuposta a inexistência de Deus, porque o que é natural encontra seu princípio na natureza, e o que é livre, na razão humano ou na vontade. Logo, não é necessário afirmar que Deus existe.

Em sentido contrário, está o que se diz da pessoa de Deus no livro do Êxodo: “Eu sou Aquele que Sou”.

Respondo. Pode-se provar a existência de Deus, por cinco vias.

A primeira, e a mais clara, parte do movimento. Nossos sentidos atestam, com toda a certeza, que neste mundo algumas coisas se movem. Ora, tudo o que se move é movido por outro. Nada se move que não esteja em potência em relação ao termo de seu movimento; ao contrário, o que move o faz enquanto se encontra em ato (...) É então necessário chegar a um primeiro motor, não movido por nenhum outro, e este, todos entendem: é Deus.

A segunda via parte da razão de causa eficiente (...) Logo é necessário afirmar que uma causa eficiente primeira, a que todos chamam Deus.

A terceira via é tomada do possível e do necessário. (...)

A quarta via se toma dos graus que se encontram nas coisas. (...)

A quinta via é tomada do governo das coisas. (...)

Quanto ao 1º, portanto deve-se dizer (...)

Quanto ao segundo, deve-se afirmar que (...)”<sup>24</sup>

A forma da maioria das obras de São Tomás obedece ao esquema escolástico das *Quaestio disputata*, em que se buscava dar voz ao adversário, ouvindo e documentando todos os seus argumentos, sem ironia ou distorções. Tal forma mostra um gênero técnico-argumentativo de análise lógica de cada proposição.

---

<sup>24</sup> I, q. 2, a. 3.

O estilo agostiniano se assemelha mais a um “eu” que procura respostas; a forma tomista é semelhante a uma pergunta absoluta que deseja ser respondida. O primeiro estilo é um homem que deseja alcançar a verdade, o segundo é a verdade que, desejada pelo teólogo, é buscada. A própria escolha de algumas palavras por outras mostra esta inclinação. Por exemplo: Agostinho costuma usar o verbo “dever” na primeira pessoa do plural “devemos”, enquanto Tomás usa “deve-se” de forma mais impessoal. E assim sucessivamente para verbos como “poder” (“podemos”, “pode-se”), ou expressões “é melhor ser o último” (“é melhor sermos o último”, “é melhor ser o último”).

Para esclarecer esta questão, outro exemplo de Agostinho, inflamado pelo seu desejo de mostrar o erro dos maniqueus: “Tão grande é o seu erro, o seu delírio e, mais propriamente, a sua loucura, que não vêem que no que chamam a natureza do sumo mal eles mesmos supõem, concomitantemente muitos bens...”<sup>25</sup>. Palavras como “delírio” e “loucura” não seriam usadas por São Tomás. Este se expressaria, como neste argumento contra Orígenes: “Contudo, o princípio de sua posição é vazio, e sua própria posição, impossível – impossibilidade que se pode provar com argumentos colhidos do que já dissemos acima.”<sup>26</sup> (AQUINO, 2006, pág. 131) São Tomás usa termos próprios da lógica, como “vazio” e “impossível”, o que revela o seu modo mais impessoal de fazer teologia. E também outras manifestações de Agostinho, com o mesmo ímpeto pessoal<sup>27</sup>.

Agostinho também utiliza algumas figuras de linguagem bem peculiares do seu estilo como, por exemplo, a anáfora (repetição do(s) mesmo(s) termo(s) pra dar ênfase a uma idéia):

“Toda e qualquer vida, grande ou pequena; todo e qualquer poder, grande ou pequeno; toda e qualquer saúde, grande ou pequena; toda e qualquer memória, grande ou pequena; toda e qualquer força, grande ou pequena; todo e qualquer entendimento, grande ou pequeno; (...) todo e qualquer modo, toda e qualquer espécie, toda e qualquer ordem, grandes ou pequenos; tudo isso não pode proceder senão do Senhor Deus”<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> AGOSTINHO, S. *A Natureza do Bem*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo. 2ªed. 2006. p. 53.

<sup>26</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De sub. sep.* Rio de Janeiro: Sétimo Selo. 2006. p. 131.

<sup>27</sup> *Ibid.*, pp. 23 e 33.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 17.



São Tomás nunca se expressaria desta forma, que para ele pareceria uma forma poética, não propriamente filosófica.

### 3. CONCLUSÃO.

A junção destes três elementos: contexto histórico, biografia e estilo da obra mostra a semelhança da época agostiniana com a nossa época. A inclinação do papa para Santo Agostinho não é por questões dogmáticas, mas pela forma da comunicação do seu autor. Não há uma mudança de doutrina. A doutrina é a mesma, mas apresentada sob outro aspecto.

O *aggiornamento* se mostra bem sutil, com uma forma própria, conforme a influência da biografia do papa Bento XVI. Portanto se reforça o estudo de comunicação dos líderes de organizações, como um conhecimento que pode auxiliar na compreensão da forma das suas posições e penetrar no âmago da sua doutrina através das suas possibilidades de manifestação.